



DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL EM INTERFACE: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL¹

DIALECTOLOGY AND EDUCATIONAL SOCIOLINGUISTICS AT THE INTERFACE: A PROPOSAL FOR PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING BASED ON DATA FROM ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Fábio Ronne de Santana Lima²

Daniela de Souza Silva Costa³

RESUMO

Este trabalho tem como tema o ensino da variação lexical sob o viés da diatopia. Assim, temos o objetivo de apresentar estratégias metodológicas para o ensino de Língua Portuguesa a partir da análise da Carta Lexical-Estilingue do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO *et al*, 2014, p. 283). Como fundamentação teórica, apoiamos-nos no conceito de léxico como registro de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1998), reflexo da cultura dinâmica da sociedade (RIBEIRO, 2012) e conjunto de itens linguísticos disponíveis para o uso na comunicação (ANTUNES, 2012). Além disso, utilizamos a Dialectologia (CARDOSO, 2010) com os direcionamentos da Sociolinguística educacional para promover o ensino da variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2004). Metodologicamente, utilizamos a abordagem qualitativa, especificamente o método de pesquisa-ação como delineamento desta proposta de natureza aplicada. A partir da carta lexical “estilingue”, estruturamos uma proposta didática com base em duas competências da Base Nacional Comum Curricular, a serem desenvolvidas em três etapas do trabalho pedagógico: (i) a fase diagnóstica, (ii) a apresentação e leitura das cartas lexicais e (iii) a produção escrita, refletindo sobre a variação lexical. Como considerações finais, acreditamos que está delineada mais uma possibilidade de conhecimento da variação diatópica, especialmente no nível do léxico, com uma reflexão sociolinguística didaticamente exposta pela interpretação da frequência, pela sócio-história das localidades e dos informantes, pela análise crítica e pela conscientização da variação como algo ordenado e inerente à língua.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia; Sociolinguística educacional; Variação lexical; Atlas Linguístico do Brasil.

1 Este texto teve sua gênese em um Trabalho de Finalização de Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, defendido em 2021 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação.

2 Doutorando em Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (Instituto de Letras/ Universidade Federal da Bahia). E-mail: fabio.ronne@ufba.br.

3 Professora Adjunta da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: souza.costa@ufms.br.

ABSTRACT

This work has as its theme the teaching of lexical variation under the bias of diatopy. Thus, we aim to present methodological strategies for Portuguese teaching based on the analysis of the Lexical-*Estilingue* Letter of the *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) project (CARDOSO *et al*, 2014, p. 283). As a theoretical foundation, we rely on the concept of lexicon as a record of knowledge of the universe (BIDERMAN, 1998), a reflection of the dynamic culture of society (RIBEIRO, 2012) and a set of linguistic items available for use in communication (ANTUNES, 2012). In addition, we use Dialectology (CARDOSO, 2010) with the guidelines of educational sociolinguistics to promote convergence applied to teaching (BORTONI-RICARDO, 2004). Methodologically, we use a qualitative approach, specifically the action research method as an outline of this proposal of an applied nature. From the lexical letter “*estilingue*”, we structured a didactic proposal based on two competences of the Common National Curriculum Base, to be developed in three stages of the pedagogical work: (i) the diagnostic phase, (ii) the presentation and reading of the letters lexical and (iii) written production, reflecting on lexical variation. As final considerations, we believe that one more possibility of knowledge of diatopic variation is outlined, especially at the lexicon level, with a sociolinguistic reflection didactically exposed by the interpretation of frequency, by the socio-history of locations and informants, by critical analysis and by raising awareness of variation as something ordered and inherent to the language.

KEYWORDS: Dialectology; Educational sociolinguistics; Lexical variation; Atlas Linguístico do Brasil.

Introdução

O tratamento da variação linguística em sala de aula é por vezes restrito à existência de variantes lexicais e fonético-fonológicas, quase tomadas como caricatura de uma comunidade. Nesse sentido, o distanciamento entre os trabalhos científicos que evidenciam essa realidade linguística e o ensino sobre ela acaba por contribuir para o desconhecimento da heterogeneidade linguística e, por conseguinte, para a manutenção de preconceitos sociais e linguísticos.

Na intenção, pois, de auxiliar o ensino de português mais sistematicamente fundamentado em relação à variação linguística, neste caso tendo em vista o nível lexical da variante brasileira do Português, pautamo-nos na seguinte questão: como usar a variação lexical sem ficar circunscrito ao “aipim” e à “macaxeira”⁴? Assim, além das discussões empreendidas, sugerimos, ao final deste trabalho, uma proposta de atividade na qual demonstramos que é possível utilizar esse nível linguístico como instrumento eficiente, transdisciplinar e intercultural para o ensino de português, principalmente na conscientização sobre a diversidade linguística.

Sob essa perspectiva, propusemos estratégias metodológicas para o ensino da Língua Portuguesa a partir da análise da Carta Lexical L19-*Estilingue*, elaborada por Aparecida Negri Isquierdo, do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO *et al*, 2014, p. 283). Para isso, voltamo-nos à variação lexical como registro do dinamismo linguístico e ao ensino de português sob a perspectiva da Sociolinguística educacional e da Dialetologia pluridimensional.

Para tanto, como objetivos específicos, tivemos de: i) refletir acerca da variação linguística como fator inerente às línguas; ii) demonstrar a relevância do léxico para o ensino de português; e

4 Optamos pelas variantes lexicais “aipim” e “macaxeira” por serem exemplos comuns em livros didáticos e notados pelo senso comum, muitas vezes levando a uma reflexão superficial acerca da variação lexical.

iii) motivar a redução do preconceito linguístico, principalmente contra falantes desprestigiados socialmente, cujas variantes tendem a ser mais estigmatizadas, apesar do uso compartilhado.

Frente ao exposto, esta proposta se justifica tanto pelo viés científico, com a materialização didática do tratamento dado à língua, quanto pelo viés social, retornando à comunidade um olhar produtivo para o ensino de língua, vinculado às práticas de letramento escolar, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). O desfecho esperado é, portanto, a conscientização da pluralidade linguística do Brasil e a estreita relação entre língua e cultura, estudada e conhecida por professores e alunos da Educação Básica.

Realizadas essas considerações iniciais, este texto está organizado em mais cinco seções: na seção 1, *O léxico e a relação com o mundo*, apresentamos algumas definições de léxico que situam este trabalho; na seção 2, *A diversidade da língua pelas lentes da Dialetologia e da Sociolinguística educacional*, situamos essas duas áreas, acrescentando uma breve apresentação do Projeto ALiB, conceituando a variação lexical e registrando a interface com o ensino; na seção 3, *Proposta didática: um olhar para a variação lexical*, expomos a abordagem metodológica e o método escolhido para estruturação da proposta didática, bem como descrevemos e orientamos a execução das etapas da proposta; por fim, estão a seção *Considerações finais* e a seção *Referências*.

O léxico e a relação com o mundo

A relação entre o léxico de uma língua e a cultura de um povo está intimamente concretizada, percepção e posicionamento que assumimos, tendo em vista a concepção de língua como um artefato cognitivo, social e culturalmente variável.

Todavia, reconhecemos que a empreitada de apresentar um conceito pode variar a depender da perspectiva teórica. Não obstante, compreendemos a associação do léxico aos aspectos que formam a linguagem em todas as suas possibilidades de manifestação, ou seja, as relações semióticas, sociocognitivas, estruturais, semânticas e discursivas. O léxico, nesse caso, pode ser compreendido como um meio de representação de todas essas dimensões, pois subjaz uma interação de toda a comunidade nas mais diversas dimensões.

Biderman (1998, p. 91), sobre o tema, esclarece que:

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como uma etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

Diante dessa proposição, percebemos que o léxico toma lugar na realidade humana desde a sua gênese. Além disso, está clara a necessidade de registrar um conhecimento que estrutura o universo e que não se restringe apenas à superficialidade de uma nomeação de itens, mas que também abrange a identificação da existência dos referentes que estruturam a sociedade.

O fato de considerarmos essa perspectiva, conforme Biderman (1998), implica assumirmos que as pessoas que formam a comunidade elegem formas linguísticas como *norma*⁵, as quais estão situadas em um tempo, em um espaço, em algum contexto. Nesse sentido, também a nomeação de um referente e seu potencial valor semântico tendem a revelar essencialmente características históricas, culturais e identitárias de um povo, mantidas e reconhecidas como um vínculo social, ou seja, a norma de uma comunidade.

Ribeiro (2012), por sua vez, traz uma concepção de léxico que coopera com a proposta de Biderman (1998). Para ela:

O léxico é a parte de uma língua que reflete a cultura da sociedade. É uma entidade dinâmica que vai sendo enriquecida com palavras ou expressões a depender das necessidades da comunidade usuária da língua. Pode se valer de expressões ou palavras já existentes na língua e ressignificadas, de arcaísmos, de neologismos ou de empréstimos linguísticos para sua ampliação (RIBEIRO, 2012, p. 96).

Percebemos, pois, que olhar o léxico é também perceber a cultura da sociedade materializada em representações linguísticas. Além disso, a dinamicidade nesse nível da língua também é notada, posto que, segundo aponta Ribeiro (2012), o falante sente a necessidade de agregar, referir-se ou revalidar determinadas *lexias*⁶ que já não são suficientes para funcionar com a intenção linguística que cognitivamente lhes convinha. Diante de uma situação como essa, o usuário, em interação, lança mão de mecanismos que motivam a criação de novas estruturas, com uma carga semântica que preencha a lacuna lexical.

Já para Antunes (2012, p. 27),

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem.

Entendemos assim que o léxico é passível de renovação, de resgate, de alteração, configurando-se a ideia de inesgotável. É, então, essa condição amplamente variável que nos permite seu ajuste nas relações interacionais, adequando-se às necessidades comunicativas. Ademais, de acordo com Biderman (1998), Ribeiro (2012) e Antunes (2012), o léxico corresponde, portanto, ao inventário dos itens linguísticos, isto é, às palavras⁷ que são

5 Biderman (2001, p. 19) esclarece que *norma* é “[...] aquilo que na fala real (e na escrita) constitui repetição de *modelos* anteriores. A norma é, pois, mero costume, a tradição continuada e reiterada no falar e no escrever de uma determinada comunidade linguística”.

6 Para Pottier (1973), *lexia* é compreendida como “[...] uma unidade lexical da língua que se opõe ao que se chama de um encontro fortuito de discursos; por exemplo: cavalo, cavalo-vapor, cavalo marinho, cavalo friso são unidades dadas em línguas e não precisam ser criadas pelo falante no momento da elaboração de seu texto” (Tradução nossa).

7 O conceito de *palavra* que estamos utilizando é o de Biderman (1998, p. 92), para quem: “a geração

processadas e agrupadas em categorias e subcategorias cognitivas, cujas construções advêm de experiências e normas socioculturais de uso.

A diversidade da língua pelas lentes da Dialectologia e da Sociolinguística educacional

A diversidade linguística brasileira não é algo extraordinário, principalmente por se fazer presente em um país amplo territorialmente. Entretanto, muitos não legitimam essa condição plurivarietal e reconhecem pouco da variação, mesmo em seu próprio espaço. A utópica homogenia linguística brasileira persiste ainda por consequência da colonização, e esse pensamento vigora no Brasil, possivelmente, pela distância entre as massas populacionais e pela falta de conscientização da existência, por exemplo, de mais de 181 línguas autóctones espalhadas por todo o país⁸, fato que corrobora o apagamento social desses registros essencialmente nacionais.

Nesse sentido, torna-se mais evidente que as forças política e econômica de determinadas variedades hierarquizam outras. As línguas indígenas e de matriz africana, por exemplo, que têm fortes influências no Português Brasileiro (PB), acabam não recebendo a mesma valorização por não serem igualmente tratadas na política linguística do Brasil, resultado de vestígios da colonização europeia. A variação regional, no caso do perfil pluridialectal do Brasil, segundo Coelho *et al* (2018), é também resultado desses fatores históricos.

A diatopia se torna, diante disso, reflexo de todas as influências que se revelaram no país, subjugada, por vezes, aos moldes de uma monocultura social e linguística que nunca existiu nestas terras, exceto no discurso do colonizador e no padrão social de prestígio imposto à moda europeia. A Dialectologia, portanto, parece ser um passo inicial para que se perceba o entrecruzar de línguas e variedades que enriquecem o PB.

Segundo Cardoso (2010, p. 15), “a Dialectologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Haja vista as contribuições dessa disciplina linguística, perceber e divulgar as formas do português no Brasil são maneiras coerentes de conscientizar os falantes acerca dos contextos de diversidade linguística que envolvem os usuários nos espaços. Na Dialectologia, portanto, enxergamos um campo de estudo descritivo da língua em que “[...] o falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções” (CARDOSO, 2010, p. 63), ou seja, um indivíduo inegavelmente estabelecido no espaço geofísico e culturalmente inserido em espaços sociais.

do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

8 Rodrigues (2005) já alertara que houve redução de 1200 para 180 línguas pelo processo colonizador violento e continuado, cuja hostilidade e violência ainda perduram na história do português brasileiro.

Unem-se em favor do reconhecimento linguístico e da variação inerente à língua a Dialetologia, a princípio com foco eminentemente espacial, e a Sociolinguística, cujo objetivo é “[...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (BRIGHT, 1974 [1964], p. 17)⁹. A relação entre essas duas perspectivas é tênue, mas ambas as áreas são muito bem delineadas em relação às metodologias e à observação dos fenômenos linguísticos, conforme esclarecem Lucena e Castedo (2009) e Cardoso (2010). Elas têm o mesmo objetivo, a saber, a descrição da língua, mas uma visão diferenciada na percepção e no controle dos fatores extralinguísticos: o que as diferencia é o trato descritivo em relação às comunidades de fala, isto é, acerca de fatores sociais, como idade, sexo e gênero, profissão, escolaridade e rede social, entre outros, no caso da Sociolinguística, e à identificação essencialmente diatópica, como a naturalidade e os contatos dialetais, no caso da Dialetologia.

Para Cardoso (2010) e Bortoni-Ricardo (2017), esses dois olhares não são antagônicos e nem há a necessidade de deixá-los nessa posição. Os estudos dialetais contemporâneos, como do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), por exemplo, apresentam fatores extralinguísticos que não são relegados. Como outros projetos de grande porte, esse atlas se utiliza de variáveis como sexo, idade e escolaridade, cartografando dados pelo método reconhecido como Geolinguística pluridimensional contemporânea¹⁰, a fim de apontar mais detidamente o uso do vernáculo no Brasil. Desse modo, notamos que os estudos dialetais estão ligados a contextos também sociais¹¹, já que a presença de variáveis sociolinguísticas é inerente a essa realidade.

São aspectos como esse que são tratados pelo estudo de Cardoso (2010, p. 49), o qual explora essa realidade ao afirmar que “[...] a preocupação com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da Dialetologia”. Esse controle tem resultado valioso na catalogação de formas linguísticas em uma análise sincrônica de tempo aparente – olhando para formas linguísticas de falantes mais antigos –, e tem mostrado o uso ou o não uso de fenômenos linguísticos, como determinado fone, por exemplo, em certas localidades. É essa descrição e legitimação das variedades que se busca na elaboração, na interpretação e na veiculação de informações de atlas linguísticos.

9 Para contextualização temporal durante as leituras deste trabalho, utilizamos a versão traduzida para o português, de 1974. Nas chamadas e nas referências, fazemos menção à data de publicação original, de 1964, cujo título do referido artigo é *Introduction: the dimension of sociolinguistics*, editado e veiculado em 1966.

10 Mota e Cardoso (2006, p. 22) elucidam que, “[...] na Geolinguística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica [variação entre os gêneros/sexos masculino e feminino], a diastrática [variantes sociais], a diageracional [considerando-se a idade dos falantes], entre outras”.

11 Isso porque os estudos dialetológicos contemporâneos, com a contribuição da Geolinguística, também passaram a ser pluridimensionais.

Haja vista essa realidade, os atlas linguísticos mostram-se de grande valia para o estudo e o conhecimento das variedades linguísticas presentes no tempo e no espaço. Nesse sentido, novamente vemos a união entre a Dialectologia e a Sociolinguística e, pensando no ensino da variação linguística, entre Dialectologia e Sociolinguística Educacional.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 128), a Sociolinguística Educacional diz respeito a “[...] todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna”.

Sendo assim, este trabalho busca ancorar-se em pesquisas dialetológicas, como o Atlas Linguístico do Brasil, a seguir apresentado, aplicando seus resultados no ensino de Língua Portuguesa a partir do construto teórico da Sociolinguística Educacional.

O projeto ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) marca o fim da terceira e o início da quarta fase da Dialectologia no Brasil, a primeira marcada pelo Decreto nº 30.643, de 1952¹². Esse registro legal sedimenta a principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa: a elaboração de um atlas linguístico brasileiro. No entanto, o projeto para o atlas, de fato, iniciou-se em 1996, a partir do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Na oportunidade, pesquisadores vinculados à Universidade Federal da Bahia (UFBA), em parceria interinstitucional, fundaram o Projeto ALiB.

Dentre os sete objetivos do ALiB, acreditamos que o de “[d]escrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva Geolinguística” (COMITÊ..., 2001, p. vii) seja o principal a ser considerado nessa proposta. Assim, os caminhos para o conhecimento dialetal do país, de fato, começavam a se estruturar¹³. A partir dessa proposição, outras investigações, descrições e práticas puderam ser desenvolvidas em relação ao PB.

No que tange à metodologia, o ALiB se vale da Geolinguística, ou a Geografia Linguística, definida como:

12 Cardoso e Ferreira (1994) propõem a compreensão dos estudos dialetológicos no Brasil a partir de fases. Segundo as autoras, a primeira e a segunda fase seriam marcadas pelas contribuições de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, para o *Atlas Ethnographique du Globe* (em 1826), e de Amadeu Amaral, com a publicação de *O dialeto caipira* (1920). A terceira fase se inicia com o referido decreto, demonstrando uma mentalidade dialetológica brasileira mais sedimentada, e a quarta fase se inicia em 1996, com o uso da Geolinguística Pluridimensional nas pesquisas dialetológicas desenvolvidas a partir do Atlas Linguístico do Brasil.

13 O primeiro atlas linguístico publicado no Brasil foi um atlas estadual, de 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de autoria do professor Nelson Rossi.

[...] Um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária em uma rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falantes estudados (COSERIU, 1965, p. 29)¹⁴.

O ALiB assume, então, a vertente da Geolinguística pluridimensional contemporânea, cujas dimensões, primeiramente diatópica, espriam-se para a diassexual e para a diastrática. Em relação à rede de pontos, 250 localidades fizeram parte da construção da amostragem, materializando a diatopia, e 1.100 informantes participaram de inquéritos para a constituição do *corpus*. As faixas etárias desses informantes foram categorizadas em duas: a faixa etária I (18 a 30 anos) e a faixa etária II (50 a 65 anos), configurando a dimensão diageracional. A dimensão diassexual é referente ao sexo biológico, logo, o masculino e o feminino. A dimensão diastrática foi construída por falantes de dois estratos: um com o ensino fundamental incompleto e a outro com o ensino universitário completo, sendo que este último foi considerado apenas nas capitais brasileiras¹⁵.

Atualmente, há dois volumes do ALiB publicados: o volume 1, a Introdução, e o volume 2, as Cartas linguísticas, ambos editados pela editora Eduel¹⁶. Além desses, há vários trabalhos acadêmicos, com acesso aberto, que exploram a descrição do PB nos mais diversos níveis, conforme proposta do projeto, os quais podem ser visitados no site do ALiB¹⁷.

Diante do apresentado, entendemos que a Dialetologia, aliada à Sociolinguística, tem o objetivo de descrever e comparar fenômenos linguísticos entre espaços geográficos. Como consequência disso, a variação é evidenciada e provoca socialmente uma construção não estigmatizante em relação a outras variedades de falantes espacial e socialmente distintos. O objetivo dessa construção é, pois, a caracterização e a legitimação de culturas linguísticas e não a hierarquização delas.

Nessa seara, a variação lexical é claramente evidenciada por falantes diatopicamente situados, mas também socialmente identificados. Isso porque o usuário da língua consegue reconhecer quando uma lexia faz parte do seu repertório vocabular ou não, e, como já observamos, o léxico é um espelho cultural ajustável à necessidade do falante. Assim, fazer

14 Tradução nossa do original: “[...] *un método dialectológico y comparativo [...] que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas linguísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados*” (COSERIU, 1965, p. 29).

15 Excetuando-se Brasília e Palmas devido a questões metodológicas do Projeto ALiB.

16 Disponível em: <https://www.eduel.com.br/?product=atlas-linguistico-do-brasil>. Acesso em: 13 nov. 2021.

17 <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 29 out. 2021.

um indivíduo entender a inter-relação possível entre léxicos e variedades diferentes é promover um arsenal de conhecimento essencial para a entendimento da língua como artefato cognitivo, histórico, cultural, social e estruturalmente variável, como é o caso do PB.

Variação lexical

A variação lexical é um fenômeno da língua que permite a aproximação de formas que conotam uma equivalência semântica em determinados contextos, cujas expressões podem ser utilizadas diferentemente por um grupo ou alternadas a partir de aspectos estilísticos ou socioculturais. Moreno Fernández (1998, p. 29, tradução nossa), na intenção de compreender o objetivo da variação lexical, afirma que, a partir dela, “se tenta explicar o uso alternado de algumas formas léxicas – normalmente substantivos, verbos ou adjetivos – em condições linguísticas e extralinguísticas”¹⁸. Assim, formas lexicais podem ter diferentes manifestações em determinado ponto geográfico, em diferentes níveis formais de uso, em grupos sociais diferentes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Essa intercambialidade é o que caracteriza a variação linguística. Como exemplo, podemos identificar variação lexical em relação “[à]quilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ..., 2001, p. 37), geralmente chamado de *rouge*, mas que também é conhecido como *blush* e *carmin*, cuja evidência diageracional é um traço relevante (PAIM, 2019); ou em relação “[a]o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” (COMITÊ..., 2001, p. 34), geralmente chamado de *estilingue*, mas que também é conhecido como *bodoque*, *badogue*, *baladeira* etc., cuja diferença pode ser identificada tanto pela condição diassexual como pela diatópica, haja vista o controle de variáveis sociais realizado (RIBEIRO, 2012).

Esses resultados são frutos de pesquisas desenvolvidas com os dados do Projeto ALiB. Como percebemos, o uso de determinadas estruturas lexicais, ou lexias, é típico de cada contexto em que foi produzido, motivado por fatores socioculturais. O uso de lexias caracterizadoras de uma cultura¹⁹ pelo falante pode, inclusive, ser um marcador de sua identidade linguística, firmando, nesses moldes dialetais, sua territorialidade, posto que “[o] léxico é um reflexo da relação entre todos esses elementos. Nesse sentido, ao detectar um fenômeno de variação, as perguntas que aparecem de forma imediata, em qualquer nível linguístico, são relacionadas ao porquê e à sua origem” (RIBEIRO; PAIM, 2016, p. 18).

18 Traduzido o original: “*Se intenta explicar el uso alternante de unas formas léxicas – normalmente substantivos, verbos o adjetivos – em unas condiciones linguísticas y extralinguísticas determinadas*” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 29).

19 Duranti (apud COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p. 32) aponta a cultura como sendo um sistema de participação, no qual “é através do uso da língua que nos tornamos membros de uma comunidade de ideias e práticas”.

Esse universo variável, portanto, precisa ser explorado e apresentado à comunidade de falantes, e é por isso que enxergamos a sala de aula, ambiente social, cultural e linguisticamente diversificado, como um espaço de didatização das ciências da linguagem, tão produtivas no Brasil.

Pedagogia da variação linguística em interface

As contribuições da Dialetologia para a educação não são apenas para marcar geolinguisticamente um dialeto, “mas para que se possa também contribuir de forma direta para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa” (CARDOSO, 2010, p. 168). Essa proposição é, inclusive, um dos objetivos ALiB²⁰:

Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil (COMITÊ..., 2001, p. vii).

A interface entre a Dialetologia e a Educação converge para a ação de uma Sociolinguística educacional, a partir da qual se ensina a relação entre variante e seus usos, sem qualquer estigma. Bortoni-Ricardo (2017), então, conceitua Sociolinguística Educacional como:

O esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística de texto, a linguística aplicada e a análise do discurso (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 158).

Bortoni-Ricardo (2004; 2017) defende uma pedagogia sociolinguisticamente sensível, cuja proposta é o amparo em discussões teóricas, que servem de apoio para a formação consciente do estudante em relação às variedades da língua, com a finalidade do ensino de língua materna com vista à consciência dessa diversidade linguística. Essas posições científicas são, assim, didatizadas e transpostas para a prática pedagógica formal. Entendemos, nesse contexto, que a abordagem da Sociolinguística Educacional, nos termos de Bortoni-Ricardo (2017), ou a pedagogia da variação linguística, nos termos de Faraco (2015), está diretamente ligada a um dos objetivos descritos do ALiB, conforme já demonstrado.

Cardoso (2010) percebe essa necessidade de inter-relação entre os estudos linguísticos e o ensino compreendendo que os fazeres científicos, por muito tempo, andaram paralelamente, mas não de maneira convergente. As abordagens que vêm emergindo nas ciências da linguagem,

20 Disponível em <https://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acessado em 15 de maio de 2020 e também disponível em Cardoso (2010, p. 169).

como da Linguística Aplicada (LA)²¹, por exemplo, têm buscado dirimir as distâncias entre a realidade social e a ciência mais positivista no contexto de ensino de língua.

A perspectiva que emerge neste trabalho é, pois, a da educação intercultural, que, para Fleuri (2002, p. 141-142),

[...] Propõe construir a relação recíproca entre eles [diferentes grupos identitários]. Uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a sua identidade. Sobretudo, promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos – legitimadores de relação de rejeição e exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções.

Nessa discussão, é importante destacar que o reconhecimento de variedades do PB não é uma motivação para se pensar em uma substituição de uma por outra, mas na validação de todas elas, inclusive daquelas marginalizadas. À escola, inegavelmente, cabe o ensino da modalidade que o estudante não domina, isto é, as normas cultas²² e planejadas, que permitem a inserção desse sujeito na sociedade de prestígio, uma vez que a língua vernacular já lhe é culturalmente conhecida (BORTONI-RICARDO, 2004; COELHO *et al*, 2018). Nessa perspectiva, não é uma particularização dialetal no ensino que se propõe, da mesma forma que uma unidade também não. O que se destaca, de fato, é a conscientização acerca da plurivariabilidade da língua e seus condicionamentos.

A necessidade dessa proposta se sustenta pelos resultados do trabalho de Lima (2020), desenvolvido acerca do reconhecimento da variação linguística por estudantes em escolas do Semiárido brasileiro, no Nordeste, especificamente em Juazeiro/BA e em Petrolina/PE. Nessa pesquisa, a sistematicidade dos fenômenos sociolinguísticos no ensino de português em escolas dessa região se reduzia a uma superficialidade na apresentação e na abordagem da variação lexical. Essa percepção é semelhante ao tratamento dado à variação pelos livros didáticos. Conforme Faraco (2015, p. 20), estes demonstram um trabalho com a variação “[...] muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação folclorizada, da variação geográfica ou um tanto estereotipada das falas rurais”. Essa realidade, por não evidenciar reflexões sociais, históricas e linguísticas, acaba sendo pouco eficiente para desenvolver a competência comunicativa dos

21 Cavalcanti (1986, p. 5) fundamenta a LA como “a análise de questões de uso de linguagem dentro ou fora do contexto escolar e a sugestão de encaminhamentos para estas questões”. A educação intercultural está, dessa forma, inserida no âmbito da LA, uma possibilidade de cruzamento das linhas teóricas e de solução para os problemas da linguagem, principalmente entre espaços em que há um contato linguístico.

22 Apresentamos o termo *normas cultas* porque entendemos que as variedades utilizadas pelos falantes cultos – com Ensino Superior – não são homogêneas, havendo, desse modo, mais de uma possibilidade de norma prestígio. Neste trabalho, não pretendemos discutir essas terminologias, mas sugerimos a consulta a Faraco (2008) para melhor entendimento.

estudantes ou para fomentar o combate ao preconceito linguístico.

Nesse contexto, os falantes são avaliados pelos seus dialetos: aos que compõem as camadas mais baixas da sociedade, reserva-se o erro dialetal; aos abastados socioeconomicamente, atribui-se uma língua invejável, ainda que se valham dos mesmos fenômenos e das mesmas variantes²³.

Segundo Mota (1988, p. 157),

A consciência de variações diatópicas e a impressão que tais variações causam nos falantes de outras áreas linguísticas integram-se no saber geral de qualquer pessoa, alfabetizada ou não, e expressões como “fala incompreensível”, “fala agradável”, “fala musical”, “fala mole”, etc., são frequentemente ouvidas quando se apresentam situações de contato entre variedades linguísticas geograficamente diversas.

A diversidade sociocultural e a linguística vão, deste modo, sendo hierarquicamente conectadas aos dialetos ainda hegemônicos. Tais condições revelam o quanto a Dialetologia e a Sociolinguística Educacional são cruciais para a compreensão da variação e para motivação do respeito a cada variedade linguística – portanto, cultural – no processo educativo.

Cardoso (2010, p. 168) corrobora essa afirmação ao defender “a importância do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, necessário sobretudo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do Brasil”. Nesse sentido, entendemos que a escola é uma instituição importante de acesso cultural devido à sua condição plurivarietal. Além disso, é uma agência de letramento de grande força para a sistematização da diversidade linguística do PB e da linguagem em todas as suas multifacetadas.

Um direcionamento dialetal pedagogicamente situado é, então, necessário para a sociedade, tanto para o reconhecimento da diversidade do PB quanto para a legitimação científica de outras variedades. Nesse intento, situamos este trabalho que aqui se fundamentou nessa vertente científica da Dialetologia e da Sociolinguística, apoiando-se em uma pedagogia culturalmente sensível e fazendo uso de produtos dialetológicos; da comparação de dados geolinguisticamente situados, com variáveis sociais na produção de formas linguísticas, e da reflexão em torno dos condicionamentos da variação lexical.

Proposta didática: um olhar para a variação lexical

Com fins pedagógicos, a proposta didática que empreendemos é resultado da limitação de abordagem que se tem feito à variação lexical na Educação Básica, como registraram Faraco (2015) e Lima (2020). Assim, esta pesquisa é de natureza aplicada, pois, segundo Paiva (2019, p. 11, grifos da autora), esta “tem por objetivo gerar novos conhecimentos, mas tem por metas resolver problemas, inovar ou desenvolver novos **processos e tecnologias**”. O trabalho, então,

23 Essa discussão é amplamente desenvolvida por Bagno (2015) em *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, cuja leitura recomendamos para um maior aprofundamento na temática.

visa demonstrar algumas das potencialidades que o ensino da variação lexical pode alcançar.

Dessa forma, tem abordagem qualitativa e está envolvido no método da pesquisa-ação, esta que “[...] se caracteriza pela intervenção em busca de mudanças positivas em determinado contexto” (PAIVA, 2019, p. 72). Desse modo, estamos propondo uma mudança no tratamento da variação linguística em sala de aula, com o apoio na Dialectologia e com o direcionamento da Sociolinguística Educacional.

Selecionamos, pois, para o trabalho, a Carta lexical L19-Estilingue do ALiB (CARDOSO *et al*, 2014, p. 283). Essa escolha se deu uma vez que a referida Carta demonstra a variação lexical no Brasil e, no caso das regiões, apresenta lexias bastante representativas de cada espaço. Na carta, apenas os dados das capitais estão sendo apresentados, mas isso não é um impeditivo para que os estudantes vejam que há uma diversidade no PB, inclusive uma inter-relação entre as regiões geográficas no tocante ao léxico.

A proposta está estruturada em três etapas: fase diagnóstica, apresentação e leitura das cartas lexicais e produção de texto, apresentando uma sequência de procedimentos que podem auxiliar no planejamento e no desenvolvimento da atividade.

Como base legal, estamos seguindo a BNCC (BRASIL, 2017), com olhar específico para duas competências de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, as quais são totalmente direcionadas à perspectiva da variação linguística. São elas:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

[...]

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos [...] (BRASIL, 2017, p. 87).

1ª etapa: fase diagnóstica

Neste momento, é interessante que o professor, no quadro, apresente a área temática que será trabalhada, ou seja, jogos e brincadeiras infantis. Consideramos essa ação relevante para que os estudantes ativem a memória afetiva. Apesar de esta proposta estar sendo pensada para estudantes de 9º ano, salientamos a possibilidade de adequação a outras realidades. Então, a seguir apresentamos algumas questões que podem motivar a discussão:

1. Vocês já brincaram na rua com seus colegas?
2. De que tipo de brincadeira vocês gostavam mais?

Essas duas perguntas motivadoras poderão dar um panorama de quais jogos e brincadeiras

são comuns na comunidade dos estudantes. Essa ação é necessária para a valorização e para o entendimento da microetnografia em que o professor está envolvido.

Após a conversa, o professor deve registrar no quadro as duas perguntas que direcionam ao item lexical que será trabalhado. Depois, pedir para os estudantes também anotarem as perguntas no caderno. São estas questões:

Questões de investigação

A) Como se chama o brinquedo feito de madeira em formato de “Y” e duas tiras de borracha, que os meninos usavam para matar passarinho (Figura 1)?²⁴

Figura 1 - Estilingue



Fonte da imagem: <https://thumbs.dreamstime.com/b/tiro-de-estilingue-no-branco-1143451.jpg>. Acesso em: 20 dez. 2021.

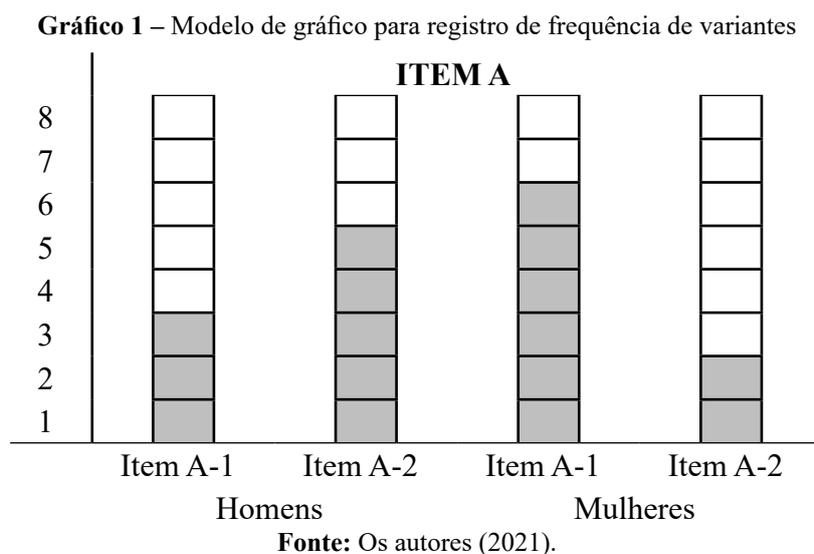
B) Quais os outros nomes que você conhece para o item descrito na questão A?

A pergunta A foi retirada do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, questão 157 (COMITÊ..., 2001, p. 34), mas adaptada para fins didáticos. Ao escrevê-la no quadro, alguns estudantes poderão ter dúvidas sobre qual o brinquedo ou a brincadeira a que está se referindo. Como auxílio, aconselhamos realizar a mímica da forquilha e das borrachas sendo esticadas, conforme instrução do próprio Projeto ALiB.

Após as explicações, indica-se pedir que os estudantes anotem as respostas da pergunta A. Em seguida, também para que eles registrem os outros nomes que eles conhecem para o “estilingue” – deixamos claro que esta forma pode não ser a norma do local, sendo necessária a utilização da variante conhecida. De posse das respostas registradas, deve-se tentar montar um gráfico para que eles percebam quais as variantes lexicais que apareceram na sala de aula.

24 É importante esclarecer que a referida pergunta foi elaborada nos idos do final do século XX e início do século XXI, tendo considerado a herança de outras gerações, quando a consciência sobre a proteção aos animais era ainda incipiente, e antes da Portaria 108/2005 do INMETRO (BRASIL, 2005), que catalogou o estilingue não como brinquedo, mas sim como instrumento do tipo arma.

A seguir, apresentamos um modelo de gráfico de barras que pode ser utilizado para a contabilização dos dados:



A ideia do gráfico é que os estudantes já comecem a perceber como se manifestam socialmente determinadas lexias. Como título do gráfico, o professor pode utilizar a própria chave de pergunta, ou seja, o nome do referente ao qual a questão se refere – *estilingue*, neste caso, ou a forma léxica da localidade. Na parte lateral, à esquerda, há o quantitativo. No quadrante, há dois grupos de torres: um referente aos homens, com as formas mais frequentes; um referente às mulheres, com as formas mais frequentes. A intenção é que o professor faça o esqueleto das torres e preencha (pinte) à medida que as variantes surjam.

Na análise desse material, será possível perceber qual é a preferência, em relação ao sexo, de uma variante ou outra. Nessa proposta, estamos focando no *estilingue*, mas, para evidenciar a partir desse estrato, o professor poderá utilizar outro referente de outra área temática, como *vestuário e acessórios*, em que, provavelmente, as formas linguísticas poderão ser mais diversificadas para as mulheres do que para os homens, dado o envolvimento e a tradição da cultura brasileira nessa área. Além disso, independente do referente, é possível refletir acerca de uma lexia em relação ao tempo, se é uma forma mais antiga, se é uma mais nova. Esses são caminhos possíveis de seguir e que ficarão a critério do professor.

2ª etapa: apresentação e leitura de cartas lexicais

Após o registro da frequência de cada lexia com a turma, o professor deverá apresentar a carta lexical do referente estudado. Neste caso, a Carta L19 – Estilingue (Figura 2) do ALiB.

Figura 2 – Carta lexical L19 do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 283)



Fonte: Cardoso et al (2014, p. 283).

Acreditamos que a apresentação em *datashow* seja a melhor forma de condução desta atividade. De posse dessa visualização coletiva, o professor poderá sinalizar e ajudar a identificar os pontos de inquéritos da carta. Além disso, o auxílio interdisciplinar da Geografia pode ajudar o grupo a compreender a dimensão do país e os caminhos possíveis que as formas lexicais percorreram.

Antes de proceder à leitura e à interpretação das cartas, o estudante precisará identificar se as formas que utilizou estão cartografadas na capital do estado onde reside. Para esse momento, reserve alguns minutos para que cada um tenha um contato prévio, estimulando as deduções interpretativas. Vale a pena frisar que os dados das cartas lexicais que estamos apresentando são referentes às capitais. É possível que algum estudante perceba a variante que utilizou sendo registrada em outro estado. Esse fato, no caso, será a evidência da dinamicidade da língua e dos caminhos que o léxico pode percorrer, ultrapassando os limites geográficos.

Como comando, o professor deverá orientar os estudantes a: (i) reconhecer as variantes que se destacaram na capital do estado onde moram; (ii) identificar qual a variante que mais foi registrada na capital do seu estado; e (iii) relacionar as capitais e estados que também registraram as formas que o estudante utilizou como primeira, como segunda e como terceira respostas. Para isso, pode-se convidá-los a responder estas perguntas:

- 1) Quais as outras palavras para o item “estilingue” que você identificou na capital do estado onde você mora?
- 2) Qual o nome mais frequente que você identificou no seu estado para “estilingue”?
- 3) As palavras que você escolheu para nomear “estilingue” também aparecem em quais capitais/estados?

Esse primeiro reconhecimento das lexias na carta deixará o estudante mais familiarizado com as outras formas lexicais que constituem o PB. Então, essa proposta é uma proposição inicial e que pode ser replicada com outros referentes.

Na fase de interpretação, de fato, é importante que o estudante tenha consciência de como funcionam os infográficos. A leitura desse gênero textual multimodal vai ser amplamente requerida para o entendimento das estimativas de frequência de lexias nas cartas lexicais, como já pudemos observar nas legendas na Figura 2, na parte inferior, à direita. Apesar de não apresentar os índices em percentuais, é notável a predominância de uma ou outra forma em cada ponto de inquérito.

Nota-se que a forma “estilingue” é a mais produtiva no país, presente em todos os pontos, ou seja, em todas as capitais. Nesse caso, podemos inferir que essa lexia pode ser reconhecida em todo o Brasil. Por sua vez, a restrição da forma “baladeira” estimula o reconhecimento de uma linha imaginária, ou seja, de uma isoglossa, que divide o país em dois, Norte e Sul. Nesse ponto, já podemos estimular o estudante a perceber que há diferenças lexicais no país.

Algumas lexias, menos frequentes, aparecem em contextos mais específicos. “Atiradeira” se mostra, por exemplo, em algumas capitais litorâneas ou naquelas relativamente próximas ao litoral. “Badogue”, por seu turno, também é restrita a alguns espaços, com maior produtividade em Recife/PE, Salvador/BA e em Belo Horizonte/MG. “Funda”, por sua vez, tem registros nos estados que fazem fronteira direta com Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Essas evidências podem motivar questionamentos sobre o porquê de determinadas lexias estarem mais restritas a determinados espaços. Diante dessa reflexão, um trabalho com o professor de História e de Geografia pode ajudar na compreensão dos movimentos migratórios e de colonização, pois são fatos que se refletem diretamente no uso linguístico.

Nessa etapa, deve-se orientar os estudantes a traçarem linhas imaginárias, isto é, isoglossas, que formem grandes áreas dialetais, entregando, se possível, cópias do mapa do Brasil, com a indicação das capitais. Como comando, pode-se apresentar a seguinte questão aos estudantes:

- 4) De posse do mapa do Brasil, observe as localidades que tiveram comportamento semelhante na escolha de palavras para se referirem ao “estilingue”. Em

seguida, trace linhas imaginárias na tentativa de agrupamento dessas capitais a partir da norma de uso para o referido brinquedo.

Como respostas, espera-se que, pelo menos, quatro grandes áreas apareçam:

- a) área 1 – baladeira: Roraima, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba;
- b) área 2 – badogue: Pernambuco, Bahia, Sergipe – por extensão –, Minas Gerais;
- c) área 3 – funda: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina;
- d) área 4 – estilingue: Goiás, São Paulo, Paraná.

Notemos que nem todos os estados estão sendo contemplados nesse exercício de divisão dialetal, pois há evidência de grande variação em algumas capitais. Nesse caso, é necessária uma observação mais detalhada dentro de cada região. O ALiB, nesses casos, dispõe de cartas regionais que podem nos ajudar a enxergar essa variação, haja vista agrupar no rótulo “outras”, na legenda, outras formas léxicas que não foram representadas na carta nacional²⁵.

A intenção é, de fato, conscientizar sobre o fato de que a variação linguística, também no nível lexical, embora dinâmica, é organizada e característica dos espaços em que se documenta. Nessa direção, todas são variedades brasileiras e válidas, sejam fruto de um contato, sejam resultado de um fator sócio-histórico de formação da localidade, da topodinâmica dos sujeitos ou da influência midiática.

É importante que essa reflexão seja feita com os estudantes para que o objetivo da proposta seja atingido.

3ª etapa: produção de texto

Nesta última etapa, dois momentos serão requeridos. O primeiro deles é para reflexão acerca do tratamento da variação em relação à diversidade em sala de aula. O segundo é a produção de um depoimento escrito para verificação do nível de reconhecimento da variação diatópica e diastrática.

Quanto ao momento 1, apresentam-se como sugestão as seguintes questões aos estudantes:

- 5) Durante uma conversa, Mário disse que seus primos, que moravam na roça, gostavam de caçar usando badogue. Um colega gargalhou e disse:
– Badogue? Você é do mato? É estilingue!
Diante dessa situação, você, que também está envolvido na conversa, teria qual atitude?

25 Consultar Cardoso *et al* (2014, p. 284-288).

- 6) A palavra *estilingue* é comum em todo o Brasil. Crie hipóteses para justificar o motivo de essa expressão ser tão conhecida.

Como desfecho dessa proposta de conscientização e elaboração do produto que registre a evolução do conhecimento adquirido, para o momento 2, pode-se solicitar aos estudantes que escrevam um depoimento acerca da variação lexical no PB. A seguir, apresentamos algumas orientações para a construção do texto:

- 7) Nosso passeio pela variação lexical e para os conhecimentos denominativos para o objeto estudado está chegando ao fim, mas precisamos registrar o que você conseguiu aprender em relação à variação diatópica ou regional. Escreva um depoimento relatando como você entendia a variação e o que você entende agora sobre ela. Para ajudar, escreva o seu depoimento tentando responder às seguintes perguntas:
- a. Variação linguística é falar/escrever errado?
 - b. Homens e mulheres sempre usam as mesmas expressões com a mesma frequência?
 - c. Quem mora no Norte e quem mora no Nordeste sempre usa as mesmas formas lexicais?
 - d. Quem mora em São Paulo e no Rio de Janeiro fala/escreve melhor do que quem mora em Mato Grosso e no Nordeste?
 - e. O português brasileiro é uma língua homogênea?

Espera-se que os estudantes revisem as abordagens tratadas durante as discussões. Tem-se em mente que todas as respostas acima serão negativas e que o professor já tem essa consciência. As perguntas são apenas para um direcionamento, logo, não há necessidade de que todas sejam respondidas. Caso seja relevante, o professor também poderá motivar um debate, refletindo sobre essas questões com os estudantes, revisando todos os pontos abordados.

Quanto à avaliação em relação à aprendizagem, achamos conveniente que seja realizada uma avaliação qualitativa e processual. As participações deverão ser valorizadas, sempre dando voz aos relatos que surjam antes, durante e após as abordagens. Como registro textual para alcance das normas formais, o professor poderá adotar o depoimento como gênero discursivo a ser aprofundado pelo eixo gramatical e estilístico, fechando o ciclo.

Considerações finais

A diversidade do Português do Brasil há algum tempo já é explicitada nos documentos oficiais, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) até a BNCC (BRASIL, 2017). Antes disso, vimos que o interesse pela descrição dialetal do Brasil vem de meados do século XX, mas que só foi efetivado com a publicação do ALiB. Esse grande projeto tem evidenciado e dado espaço a pesquisadores que se interessam em investigar a cultura linguística

de um país tão amplo, diverso e rico social e linguisticamente.

O campo da investigação diatópica, especialmente tendo em vista o nível lexical, é o caminho que seguimos neste trabalho. Tentamos trabalhar um novo tratamento para a variação no léxico de uma língua com lentes mais profundas, uma visão sedimentada na Dialetologia pluridimensional e na Sociolinguística Educacional. Acreditamos que, assim, conseguimos reduzir o incômodo que sentíamos ao ver a variação lexical em sala de aula sendo tratada com superficialidade e folclorização.

Na proposta que elaboramos, embora não exaustiva, mantivemos a essência dialetal. Além disso, conduzimos o professor a discussões que abordassem a reflexão acerca da variação linguística. Nesse processo, motivamos a investigação da sócio-história e de fatores sociais que condicionam a variação, motivadas à redução do preconceito linguístico.

De fato, reconhecemos que este trabalho não é de um todo acabado, pois outros olhares, outras experiências e outras necessidades é que ditam os ajustes. Em outros momentos, trabalhos mais focados nas dimensões diastráticas, por exemplo, poderão ser elaborados e mais bem delineados, inclusive envolvendo os conceitos de norma.

Contudo, para os objetivos que foram aqui delineados, como o de desenvolver estratégias metodológicas de ensino de línguas a partir da análise de uma carta lexical, refletir acerca da variação linguística como fator inerente às línguas, demonstrar a interculturalidade linguística dentro do português e motivar a redução do preconceito linguístico, entendemos que esta proposta didática atendeu a nossas proposições.

Com esta proposta, fomos além do pretendido: apontamos a necessidade de reconhecimento das comunidades linguísticas que compõem a escola; esboçamos uma análise quantitativa de dados linguísticos; estimulamos a abordagem interdisciplinar do Português com a Matemática, a Geografia e a História; sinalizamos vieses para o ensino de gêneros multimodais e demonstramos a necessidade de uma reflexão social para os usos linguísticos. Assim, reiteramos a transversalidade do ensino de língua baseado na Dialetologia e na Sociolinguística, ambas aqui tratadas sistematicamente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. Martins Fontes: 2001 [1978].

- BORTONI-RICARDO, S. M. *A educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. Trad. Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1964].
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, NORMALIZAÇÃO E QUALIDADE INDUSTRIAL. INMETRO. *Portaria nº 108, de 13 de junho de 2005*. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/rtac000946.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: Eduel, 2014.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. *A Dialetoлогия no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1994.
- CAVALCANTI, M. C. A propósito de lingüística aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 7, n. 2, p. 5-12, 1986.
- COELHO, I. L. *et al* (orgs.). *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSERIU, E. *La geografía lingüística*. Cuadernos del Instituto lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, p. 29-69, 1965.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: BORTONI-RICARDO, S. N.; CAVALCANTI, M. C. *Transculturalidade, linguagem e educação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007, p. 23-43.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO,

- C. A. (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 19-30.
- FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. In: FLEURI, R. M. (org). *Intercultura: estudos emergentes*. Injuí: Editora Unijuí, p. 129-150, 2002.
- LIMA, F. R. S. *Variação linguística e migração interna: perspectivas interculturais da educação e do letramento no contexto escolar em Juazeiro e Petrolina*. Juazeiro: UNEB, 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) do Programa de Pós-Graduação Educação, Cultura e Territórios Semiáridos/PPGESA, UNEB, Juazeiro, 2020.
- LUCENA, I. C. A.; CASTEDO, T. M. Inter-relações entre a sociolinguística e a dialetologia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, 2009, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa: Ideia, 2009, p. 1896-1903. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Isabella%20Cristina%20Amorin%20de%20Lucena%20-%20ok.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.
- MOTA, J. A. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA, C. *et al.* *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988, p. 157-170.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Documentos 2: projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.
- PAIM, M. M. T. A variação lexical no campo semântico vestuário e acessórios: um estudo a partir dos dados do Projeto ALiB. *A cor das letras*, Feira de Santana, v. 20, n. 1, p. 204-215, 2019.
- PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- POTTIER, B. (Ed.). *La langage*. Dictionnaire de linguistique. Paris: CEPL, 1973.
- RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. Salvador: UFBA, 2012. Tese (Doutorado em Letras) do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, UFBA, Salvador, 2012.
- RIBEIRO, S. S. C.; PAIM, M. M. T. “Pipa” e “amarelinha” na área do “falar baiano” numa perspectiva diageracional. In: LOPES, N. S.; ARAÚJO, S. S. F.; FREITAG, R. M. K. (orgs.). *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 17-37.
- RODRIGUES, A. D. Sobre as línguas indígenas e a pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*. v. 57, n. 2, p. 35-38, 2005. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:rodrigues-2005/rodrigues_2005.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.